



CAUSALIDADE E RELIGIÃO NATURAL EM DAVID HUME

MAURICIO LASCH ¹, FLÁVIO ZIMMERMANN ²

1 Introdução

O presente resumo é resultado do subprojeto de pesquisa *Hume e os Diálogos sobre a Religião Natural*, o qual faz parte do projeto guarda-chuva *Conhecimento e justificação à luz de semânticas formais*, em que buscou-se a investigação e discussão dos argumentos favoráveis à existência de uma divindade, presentes na obra *Diálogos sobre a Religião Natural* do filósofo moderno David Hume.

2 Objetivos

Dessa forma, este resumo busca expor algumas das limitações existentes nos argumentos favoráveis a existência de uma divindade. Para tanto, utilizando como base da discussão a teoria da causalidade de David Hume e os diálogos sobre a religião natural. Especificamente, a discussão baseia-se nos argumentos levantados pelo personagem Cleantes.

3 Metodologia

A metodologia adotada ao longo do subprojeto consistiu em 10 encontros presenciais, na qual os demais participantes do grupo de estudos *Filosofia da Religião* buscou discutir, criticamente, cada capítulo da obra de Hume. Ademais, os encontros presenciais realizaram-se quinzenalmente ao longo do segundo semestre de 2019, foram conduzidos e instigados pelo orientador do subprojeto Dr. Flávio Zimmermann. Posteriormente, em virtude da pandemia do covid-19, as demais atividades foram realizadas remotamente. Desse modo, consistiram-se em leituras acerca do tema religião na modernidade, bem como os textos do Hume e comentadores.

1 Acadêmico do curso de Licenciatura em Filosofia, Universidade Federal da Fronteira Sul campus Chapecó. Bolsista do projeto de pesquisa “Hume e os Diálogos Sobre a Religião Natural”, contato: mauriciolasch@gmail.com

2 Professor Adjunto da Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Chapecó, e orientador do projeto de pesquisa.



4 Resultados e Discussão

David Hume, importante filósofo do século XVII, cético moderado e empirista moderno, buscou, ao longo de sua vida, discutir criticamente diversos temas. Um dos temas foi o problema da causalidade, presente em sua obra *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*. Desse modo, Hume defendeu a ideia de que as noções que os homens possuem a respeito da causa e efeito, são adquiridas através da experiência, e não pela razão como vinha sendo defendida na filosofia. Partindo deste princípio, é possível entender para onde caminham alguns aspectos da discussão sobre a Religião Natural, afinal, a experiência exerce um papel importante sobre nossos conhecimentos. Entretanto, esta experiência seria suficiente para inferir a existência de algo tão grandioso?

Em seu livro póstumo *Diálogos sobre a religião natural*, Hume nos apresenta uma discussão em forma de diálogos, na qual o personagem Cleantes desempenha um papel fundamental na exposição dos principais argumentos favoráveis a existência divina, denominados pelo filósofo como argumentos a posteriori. Deste modo, Cleantes introduz argumentos baseados no desígnio e na ordem da natureza, com a finalidade de justificar racionalmente a religião natural. Os argumentos de Cleantes partem do pressuposto de que a causalidade é um tipo de inferência com base racional.

Ademais, o personagem afirma que da mesma forma que as ações humanas possuem finalidades específicas, a natureza também possui um desígnio específico e através da analogia pode-se inferir que “a efeitos semelhantes atribuímos causas semelhantes” (ZIMMERMANN, 2010, pg. 211). Nesse sentido, Cleantes menciona

olhem para o mundo ao redor, contemplem o todo e cada uma de suas partes: vocês verão que ele nada mais é do que uma grande máquina, subdividida em um número infinito de máquinas menores [...] mesmo suas partes mais diminutas, ajustam-se umas às outras com uma precisão que leva ao êxtase todos aqueles que já as contemplaram. A singular adaptação dos meios aos fins, ao longo de toda a Natureza, assemelha-se exatamente, embora exceda-os em muito, aos produtos do engenho dos seres humanos, de seu desígnio, pensamento, sabedoria e inteligência. E, como os efeitos são semelhantes uns aos outros, somos levados a inferir, portanto, em conformidade com todas as regras da analogia, que também as causas são semelhantes, e que o Autor da Natureza é de algum modo similar ao espírito humano [...] É por meio deste argumento *a posteriori* – e apenas por meio dele – que chegamos a provar, a um só tempo, a existência de uma Divindade e sua semelhança com a mente e inteligência humana. (HUME, 1992 pg. 30-31).

Além disso, outro aspecto muito importante para essa problemática são as contribuições de



Filo, o personagem dos diálogos que mais representa os ideais humanistas. Decerto, Filo buscou derrubar este argumento do designio, e é através dele que se faz presente a noção da causalidade humana:

Já observamos milhares e milhares de vezes que uma pedra cai, que o fogo queima, que a terra tem solidez; e quando uma nova instância desse tipo se apresenta, fazemos sem hesitar a inferência costumeira. A exata similaridade dos casos dá-nos uma segurança perfeita da ocorrência de um evento similar [...] mas sempre que se afasta, por pouco que seja, da similaridade dos casos, diminui-se proporcionalmente a evidência. (HUME, 1992 pg. 32).

5 Conclusão

Em suma, Hume em sua obra *Ensaio Sobre o Entendimento Humano*, bem como em *Diálogos sobre a religião natural*, demonstra a incapacidade de afirmar a existência de algo que é baseado em nossas noções de causa e efeito. Ou seja, pode-se pressupor essa existência mas será tão relevante quanto uma suposição contrária a ela. Desse modo, é inviável às discussões filosóficas a respeito da existência de um criador, uma prova que consista apenas na analogia de algo limitado para o todo, pois na medida a qual nos afastamos das analogias, e as deixamos mais abstratas as inferências são mais fracas. Como salienta Hume, “[...] Nenhum objeto jamais revela, pelas qualidades que aparecem aos sentidos, nem as causas que o produziram, nem os efeitos que dele provirão; e tampouco nossa razão é capaz de extrair, sem auxílio da experiência, qualquer conclusão referente à existência efetiva de coisas ou questões de fato.[...]” (HUME; 2004, pg. 56). É inconcebível supor que somente porque as obras do homem possuem uma finalidade o universo também possui uma causa.

Referências

- HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral**. Editora UNESP: São Paulo, 2004.
- HUME, David. **Diálogos sobre a religião natural**. Martins fontes: São Paulo, 1992.
- ZIMMERMANN, FLÁVIO. **Hume e o ceticismo moderno**. Tese de doutorado pela USP: São Paulo, 2010.

Palavras-chave: Filosofia da religião; Causalidade; David Hume; Filosofia moderna.



Financiamento

A presente pesquisa foi financiada pela UFFS por meio do projeto PES-2019-0641.